

CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS

Rua São Valentim, 142 – Tel (21) 2273-4896 – Fax (21) 2273-5790
20260-110 - Rio de Janeiro - RJ

MENSAGEM MAURÍCIA / 2016

De autoria do Cz 5895, Cel Ref José Carlos Cavalcanti, do Núcleo de Manaus da Cruzada dos Militares Espíritas

Carta a Maurício.

Ao estimado Comandante da Legião Tebana e Mentor Espiritual da Cruzada dos Militares Espíritas.

Muito me honra, Legionário Maurício, fazer a Mensagem Maurícia de 2016. Lendo todos os anos as mensagens elaboradas por conceituados Cruzados, venho observando o alto nível de pesquisa em torno do épico que envolveu sua vida e de toda a sua tropa e, certamente, a admirável crença num Deus único e o incondicional amor a Jesus.

Levando-se em conta que essa convicção não era fruto da sua vida contemporânea, mas uma conquista do seu espírito em vidas passadas, relata-nos Frederico Guilherme Kremer no seu ensaio “Um Espírito: Duas Personalidades”, na Revista de “O Cruzado” Ano XIV nº 27 - 1º semestre de 2011, que Maurício teria sido a reencarnação de Akhenaton ou Amenófis IV, o faraó menino. Informação trazida pelo médium Divaldo Franco em palestra na sede da Capemisa, no Rio de Janeiro, em cerimônia comemorativa por mais um ano de fundação do Lar Fabiano de Cristo.

Diante disso, pesquisando a personalidade do Faraó Amenófis IV ou Akhenaton, que foi levado à condição de faraó da XVIII Dinastia com 15 anos e seu reinado (1370 a 1357 a.C.) tendo durado 13 anos, vemos que mesmo jovem já trazia no seu íntimo a convicção de um Deus único e Senhor do Universo (Aton).

Verificamos, porém, que a mudança mais marcante realizada por este faraó foi na parte religiosa, quando destituiu o culto ao deus Amon e privilegiou o culto ao deus Aton, assim também tentando estabelecer uma orientação religiosa monoteísta. Isso acabou sendo um duro golpe na cultura daquela época, pois fica muito difícil para uma sociedade conceber, do nada, uma nova religião com preceitos variados e totalmente diferentes daqueles já praticados.

Como Maurício já havia consolidado no seu íntimo a crença no Deus único, não poderia agir de maneira diferente nos idos anos de 286 (d.C.). Surpreende-nos também o seu conhecimento e estratégia para movimentar sua tropa num terreno inóspito, onde todo um aparato se fazia necessário para atingir as terras de Agauno.

À época do Comandante Maurício, o deslocamento de um continente para outro, com a responsabilidade de conduzir algumas centenas de homens (do alto Egito até os campos de Agauno – hoje Saint-Maurice, Cantão de Valais – Suíça), teve grande desafio até a chegada às margens do

Mar Mediterrâneo. Teria atravessado em navios à vela ou teria contornado todo o Oriente. Uma viagem dessa natureza impõe sacrifícios e perdas materiais e, sempre, uma grande preocupação do Comandante em manter os homens hígidos e com elevada moral, diante do desconforto, da inquietação, do próprio medo que rondava a todos antes dos embates frente a inimigos de quem não tinham conhecimento de sua força combativa. A imagem do comandante diante de sua tropa não poderia ser diferente: transmitir confiança, ânimo e inquebrantável fé no futuro.

Chega então a ordem de Maximiano para todos os militares ali reunidos renderem homenagens aos deuses pagãos, o que era inaceitável para Maurício e seus comandados. Considerado pelo César Maximiano como um ato de rebeldia pela desobediência, toda a tropa foi dizimada. Maurício poderia usar a espada mas deixou-se imolar em nome do Cristo Jesus.

Passaram-se os séculos e a Cruzada dos Militares Espíritas, em 1944, iniciava sua missão junto às Forças Armadas. A necessidade de se escolher um patrono e guia veio através da mediunidade do Major Waldemiro Pimentel, em 11 de abril de 1945, então 2º Secretário da Diretoria em que era Presidente o General Frutuoso Mendes, que recebeu da espiritualidade o nome do Legionário Maurício como Patrono e Guia da Cruzada.

Rememorando o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, no capítulo I, encontramos a informação de que Jesus ao verificar que seus ensinamentos não tocaram o coração do homem, questiona então Helil (Espírito à época encarregado dos problemas sociológicos da Terra): onde ficava o recanto planetário do qual se enxergava do infinito, o símbolo da redenção humana? Helil responde: fica mais para o sul.... Então de mãos erguidas para o Alto, o Mestre, como se invocasse a benção de seu Pai para todos os elementos daquele solo extraordinário e opulento, exclama: “para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal.” E ao designar Ismael para as lides nestas terras, este convidou Maurício para integrar sua equipe, com a missão de levar aos ambientes militares a fé raciocinada na evangelização dos homens de farda.

Nos dias atuais, quando da visita de uma delegação portuguesa ao movimento espírita amazonense, onde tomaram conhecimento dos trabalhos da Cruzada dos Militares Espíritas, fomos testemunha de uma declaração de uma de suas integrantes, nos seguintes termos: “Impossível se pensar em levar o Espiritismo para dentro dos quartéis, ao se tratar das Forças Armadas na Europa.”

Portanto, Capitão Maurício, ao lembrarmos sua missão de mentor e condutor espiritual junto aos irmãos de farda, reverenciamos sua memória e nos reportamos aos campos de Agauno, naquele indelével acontecimento de coragem e amor. Nossa saudação ao Comandante-exemplo, servidor fiel de Jesus, o Mestre inconfundível.